

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UNICAP: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PARA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

Raffaella Aureliano de Sant'Anna
Bolsista FASA no Museu de Arqueologia da UNICAP
raffaellaaureliano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto **"MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UNICAP: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PARA PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL"** parte da concepção da importância da consciência para a preservação patrimonial no âmbito educacional, bem como da carência das intervenções educativas que levem o assunto de maneira efetiva às crianças e aos adolescentes em sala de aula.

Através do processo de modernização das cidades nos deparamos com a desvalorização e desconhecimento em relação aos Patrimônios Culturais. A necessidade de intervenção a esse problema é condição *sine qua non* para a apropriação dos patrimônios por parte das gerações futuras.

Entende-se que através de ações incentivadoras de conservação, preservação e valorização dos bens culturais poderemos, em definitivo, instaurar na memória coletiva das crianças e adolescentes a compreensão do valor do patrimônio cultural, o que reforça a necessidade e obrigatoriedade de práticas educativas visando essa compreensão (TEIXEIRA, 2008).

Recente publicação intitulada *"A história do Recife contada pelos seus patrimônios",* vem utilizando a história dos Patrimônios Culturais da cidade do Recife para estimular a noção de propriedade e ou "apropriação" dos patrimônios da cidade por crianças e jovens adolescentes (COSTA, 2014).

Claudia Adriana Teixeira cita em seu artigo "*A Educação Patrimonial no Ensino de História"*, que "Preservação e valorização de bens culturais" exige grande investimento na área da Educação: ações educativas que possam viabilizar a aproximação entre os agentes responsáveis pela preservação (IPHAN), os que estudam o patrimônio (pesquisadores) e a sociedade em geral, estabelecendo um diálogo necessário a trocas de conhecimentos (TEIXEIRA, 2008).

Com este foco em mente, pretendemos tornar acessível a compreensão da importância do patrimônio cultural como sendo nosso próprio registro histórico, utilizando de forma lúdica as informações resgatadas do nosso passado criando um entendimento de que não é apenas o belo, o grandioso, o heroico que se enquadram em "patrimônios", mas também o corriqueiro, o cotidiano e o simples, mostrando que é possível plantar a noção de apropriação desses patrimônios aos jovens e crianças aumentando assim sua autoestima. Desta forma vislumbramos na escola a possibilidade da propagação da ideia de preservação e valorização elucidando o conceito de patrimônio (SOARES, 2003 *apud* TEIXEIRA, 2008).

> Quando falamos sobre Patrimônio Cultural, logo pensamos em monumentos, casas antigas, etc. Esta é a visão do censo comum, porém a ideia de patrimônio é bem mais ampla, e incluem vários outros aspectos. Todas as modificações feitas por uma sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio, pois todo objeto ou ação que se refere à identidade de uma sociedade constitui seu patrimônio. (SOARES, 2003).

Patrimônio é tudo que se refere ao passado de valor insubstituível seja ele de cunho pessoal ou social e segundo Souza:

> [...]. Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, auto-análise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re) construção. Memória e identidade se juntam no discurso na medida em que ambas são construções discursivas. Ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu. Essa narração reorganiza as experiências e os significados, fazendo surgir um Eu ancorado nessa nova ordem" (SOUZA, 2014).

A despeito das limitações que cercam a educação formal no Brasil, as escolas continuam sendo espaços privilegiados para a formação cultural das crianças e dos jovens, sobretudo para o desenvolvimento da consciência e de práticas de preservação cultural. Os educadores, em particular, podem atuar como importantes agentes de educação patrimonial nas diferentes unidades escolares e disciplinas onde atuam (GAZZÓLA; TREVISOL, 2009).

Considerando o papel educativo desempenhado pelos museus, atividades de educação patrimonial vem sendo realizadas no Museu de Arqueologia da UNICAP, através de aulas e oficinas temáticas, ministradas a alunos na faixa etária de 7 a 12 anos, o patrimônio cultural do Recife vem sendo apresentado de forma lúdica onde jogos e brincadeiras dinâmicas reforçam conteúdos que vão sendo fixados e incorporados ao dia a dia das crianças.

O presente trabalho, objetiva intensificar a educação patrimonial no Museu de arqueologia da UNICAP, bem como promover a análise de como esta é praticada em escolas públicas e privadas do Recife.

2. METODOLOGIA

2.1. Revisão bibliográfica sobre Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial.

Para tornar possível a realização de ações pedagógicas visando a Educação Patrimonial no Museu de Arqueologia da UNICAP, foi promovida uma revisão de literatura continuada, para o período de 2003 a 2017.

Como fontes de pesquisa, foram utilizadas publicações acadêmicas, livros, artigos de jornais, teses e documentos publicados por órgãos governamentais tais como IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

2.2. Treinamento sobre “Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial. ”

O processo de treinamento iniciou-se com a abordagem do tema da coleção “A história do Recife contada pelos seus patrimônios”, voltada para crianças do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, de 7 a 12 anos, através do estudo dessas cartilhas vislumbramos desenvolver a didática necessária para ministrar aulas às crianças tendo o lúdico em tela.

Os treinamentos diários são realizados e supervisionados pela coordenadora do projeto, visando nossa preparação para a atuação como monitores no Museu de Arqueologia da UNICAP. Além disso, visa aprofundar o domínio do conteúdo e nossa habilidade para falar em público. Os treinamentos no Laboratório de Arqueologia foram diários e iniciados no mês de abril de 2017, das 8h às 10h, das 10h às 12h iniciamos os estudos e leituras bem como o desenvolvimento do projeto escrito.

2.3. Visitas as escolas

Para conhecimento de como educação patrimonial vem sendo desenvolvida em escolas da Região Metropolitana do Recife, no mês de maio/17, dez escolas, cinco públicas e cinco privadas, foram selecionadas aleatoriamente para o registro de como o assunto em tela vem sendo trabalhado com alunos do 6º ano do ensino fundamental. Durante as visitas as escolas, foram registrados os seguintes pontos: existência ou não de projeto de "Educação Patrimonial" na escola; como a "Educação Patrimonial" está sendo feita na escola; qual o livro adotado para o ensino do tema; quantas horas/aulas são dedicadas à "Educação Patrimonial"; como a "Educação Patrimonial" é vivenciada na prática; como os professores se sentem quanto sua capacitação para ministrar aulas sobre o tema; e como avaliam o aprendizado dos alunos. Além disso, foi registrado o interesse dos professores em participarem de capacitações sobre educação patrimonial.

2.4. Análise de livros didáticos para diagnóstico de como a educação patrimonial vem sendo abordada

Para verificação de como o conteúdo sobre patrimônios vem sendo abordado em livros didáticos, 10 livros utilizados no ensino fundamental (6º ano) e publicados no período de 2010 a 2016, foram selecionados para análise. A abordagem dos seguintes aspectos foi verificada: conceituação de "Patrimônio Histórico"; medidas de conservação; classificação dos tipos de patrimônios utilizando exemplos de patrimônios recifenses; abordagem da história dos patrimônios destacando sua importância; e estímulo à visitação. Os seguintes livros foram analisados: VAZ, Maria Luisa, Jornadas. hist., História –2016; BOULOS, Alfredo Júnior, História - Sociedade & Cidadania - 6º Ano – 2012; FIAMONCINI, Celina. História: 6º. ano, 2011; COTRIM, Gilberto, RODRIGUES, Jaime. Livro Historiar - 6º Ano – 2015; GUERREIRO, Thales Adriano, Tempo de história 6 / Thales Adriano Guerreiro - 2016; MOCELLIN, Renato. Projeto Apoema história 6 – 2013; RIBEIRO, Vanise Maria. Piatã: história: 6º ano - 2015; BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar história: Das origens do homem à era digital - 2015; FUKUSHIGUE, Charles Hokiti. Convergências: história, 6º ano: anos

finais do ensino fundamental - 2016; BARBEIRO, Heródoto. Novo panorama da história 6º: Da origem do Homem a queda do império romano - 2010.

2.5. Participação em Minicursos para crianças

Em julho de 2017, foi oferecido no Museu de Arqueologia da UNICAP o minicurso de Arqueologia para crianças objetivando a educação patrimonial de crianças de 7 a 12 anos. O minicurso é constituído por aulas e oficinas temáticas, que oferecem de forma concreta a possibilidade da compreensão da importância do patrimônio arqueológico como sendo nosso próprio registro histórico. São ministradas aulas sobre os seguintes temas: pré-história, megafauna, evolução, cerâmica, pintura rupestre e escavação, além disso, conta com as aulas da coleção "A História do Recife Contada pelos seus Patrimônios", voltada para a realização da Educação Patrimonial de crianças e adolescentes composta por seis cartilhas, que abordam os seguintes temas: patrimônio cultural, espaços culturais, as pontes do Recife, patrimônios militares, patrimônios religiosos e patrimônios comerciais. Para cada aula teórica, foram criadas oficinas utilizando jogos de tabuleiro sobre a pré-história, jogos de memórias associativos sobre pinturas rupestres e sobre a coleção arqueológica do Museu de Arqueologia da UNICAP.

3. RESULTADOS

3.1. Resultado da Revisão de Literatura

Através do estudo na literatura consultada abrimos precedentes para conduzir de forma bilateral, alunos/professores, uma pesquisa embasada na vivencia tanto no que diz respeito à didática do educador a título de "Educação Patrimonial" como na aprendizagem do aluno na reflexão de sua apropriação cultural aos patrimônios de sua cidade.

Partindo do princípio que patrimônio cultural é parte integrante de toda e qualquer sociedade, e que se deve utilizar destes como instrumento educacional, constatou-se que, grande parte dos professores, não utiliza o patrimônio cultural municipal como recurso didático em suas atividades pedagógicas. Evidenciou-se como causa, fatores, a falta de conhecimento a respeito do assunto e a desconsideração desta prática como atividade comum,

pois a maioria destes docentes não foi trabalhada neste sentido quando de sua formação como educador (GAZZÓLA; TREVISOL, 2009).

O patrimônio é compreendido como a objetivação da produção histórico-social da humanidade, e, portanto, necessita ser socializada, o que é o objetivo da educação patrimonial. A socialização e a apropriação do patrimônio integram a formação genérica do ser humano e o alijamento dos homens em relação ao patrimônio é indício de um processo desumanizador. Um pensamento similar ao da Unesco, que, em 1972, na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, afirma que a destruição de um patrimônio "[...] constitui um empobrecimento efetivo do património de todos os povos do mundo." (MELO, 2014), demonstrando assim a necessidade da importância da preservação do patrimônio inserido nas escolas como forma de ser compreendida desde cedo.

Ramos em “A danação do Objeto”, transpõe a metodologia do ensino de História para o museu, utilizando objetos geradores como método de ensino, lembrando que os objetos geradores devem fazer parte da vivência das crianças. Entretanto, Ramos critica a visita ao museu que não explora o olhar, afirmando que, nem o museu e nem o educador estão preparados para educar através dos objetos, que poderiam ser melhor utilizados como instrumentos na educação. Ao longo do texto, refere-se muito à questão do tempo, fazendo constante relação entre o ontem e o hoje, para que as crianças aprendam a partir da cultura material (RAMOS, 2014).

Dessa forma, o teórico Dermeval Saviani acreditava que a educação se dava em espaços para além da escola quando ele fala:

> [...] na sociedade atual, pode-se perceber que já não é possível compreender a educação sem a escola, porque a escola é a forma dominante e principal da educação. Assim, para compreender-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação (SAVIANI 2008, p. 102-103).

O posicionamento de Saviani nessa afirmativa nos diz exatamente da existência de diferentes modalidades de educação. Através do artigo intitulado “O pensamento de Dermeval Saviani e a educação em museus de ciências”, pude investigar com maior precisão as várias etapas do estudo bibliográfico da obra de Dermeval onde os autores do artigo dialogam com afinada maestria, reproduzindo uma análise de sua obra acerca das formas “não escolares” de educação tal qual descrevem - “educação difusa e indiferenciada em todos

os setores da sociedade" (SAVIANI, 2008), que neste caso seria o "Museu" como principal fonte de informação neste estudo.

Atentos ao conceito de Jacobucci, "espaço formal" ao estarmos falando de "espaço escolar" pois pratica-se educação escolar e analogamente um espaço não formal se trata de um espaço não escolar que pode ser tanto institucional (museus e centros de ciências) como não institucional, (caso das ruas, praças etc.).

> [...] pode-se dizer que os espaços formais de Educação referem-se a Instituições Educacionais, enquanto que os espaços não-formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não-institucionalizados. (JACOBUCCI, 2008, p. 57).

Desta forma, se cabe à educação formal ensinar propriamente os conceitos científicos, cabe à educação informal contribuir nos conceitos espontâneos, usando-se como referencial teórico a psicologia de Vygotsky, onde a educação informal, por fim, seria pontuada pela liberdade da aprendizagem pelo estudante através de espaços de ciências e visitas a museus. Vygotsky tornou-se o principal expoente da abordagem psicológica histórico cultural, que concebe o sujeito socialmente inserido num meio historicamente construído. Enquanto veiculador da cultura, o meio se constitui em fonte de conhecimento. O autor empenhou-se na busca do entendimento sobre os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte integrante da natureza de cada ser humano. (MARQUES; MARQUES, 2006).

Nesse sentido, destaca-se o papel da escola como agente no trabalho de preservação e valorização do patrimônio cultural, onde a escola é, de fato, a extensão da família. É ali que as novas gerações recebem a maior parte do legado cultural herdado do passado. Cumpre aos mestres despertar nos alunos sentimentos de respeito e amor, mostrando a eles o valor de nossos bens culturais (ROCHA, 1989).

Oriá, 2001 sugere uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para as questões atinentes ao Patrimônio Cultural, que compreenda desde a inclusão de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores, em geral, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e do consequente interesse sobre o tema (ORIÁ, 2001).

Perceber que museus possuem a responsabilidade educacional, enquanto instituições educacionais, pois cabem a eles aprendizagens que não são possíveis durante a vida escolar dos indivíduos, nos mostra que não atuam de modo complementar à educação científica, mas sim de forma fundamental (MORI; CURVELO, 2016).

3.2. Resultado dos treinamentos para ministrar cursos e palestras

O treinamento nos permitiu dar início a vivencia da docência, assim como avaliar as prerrogativas da importância do Museu enquanto "Espaço mediador entre passado e História", dentro de um Museu podemos praticar a docência no seu mais alto grau de aprendizagem, usando tanto os objetos expostos no seu interior quanto o próprio prédio do Museu de Arqueologia da UNICAP que é o "Palácio da Soledade" usando-o como exemplo de "Patrimônio Histórico". Através das leituras estudadas acerca de "Patrimônio Histórico", nos foi possível estruturar uma metodologia eficaz no que diz respeito ao aprendizado de conteúdo Histórico atrelado ao ambiente lúdico onde este será desenvolvido durante os minicursos ministrados as crianças.

3.3. Resultados das visitas as escolas

A visita às escolas permitiu comprovar o que diz Gazzóla et al, 2007, quanto a grande parte dos professores não utilizarem o patrimônio cultural municipal de suas cidades, como recurso didático em suas atividades pedagógicas. Observou-se que em 60% das escolas públicas visitadas e em 80% das escolas privadas, não existiam projetos específicos para trabalhar educação patrimonial. Em 40% das escolas públicas o tema é tratado em 2 aulas/bimestrais, em 40% delas em apenas 1 aula/bimestral e em 20% não existe um número específico de aulas bimestrais para trabalhar o tema. Em 60% das escolas privadas a educação patrimonial é tratada em apenas 1 aula/bimestral e em 40% delas não há número definido de aulas para tratar o tema (Figura 01). Quanto a visitação ao Patrimônio Histórico Recifense, verificou-se que 60% das escolas públicas promovem excursões para este fim, realizando até 4 visitas anuais. Oitenta por cento das escolas privadas promovem excursões para os patrimônios históricos do recife realizando até 3 visitas anuais (Figura 02).

Em relação ao método utilizado pelas escolas públicas para avaliar o aprendizado do aluno quanto ao tema, observou-se que: em 20% a avaliação é através de apresentação oral de trabalhos; em 20% é através de feiras de ciências e trabalhos em equipe em sala de aula; e em 60% através de provas, trabalhos e feiras de ciências. Escolas privadas avaliam o aprendizado através de trabalhos em equipe realizados em sala de aula (60%), através de apresentação oral de trabalhos (20%) e através de feiras de ciências (20%) (Figura 03).

Todos os professores de escolas públicas e privadas consideram-se preparados para ministrar aulas sobre o tema e 100% dos professores das escolas públicas visitadas mostram interesse em participar de novas capacitações sobre o tema. Apenas 40% dos professores de escolas privadas mostraram interesse em fazer novas capacitações, alegando já estarem devidamente preparados.

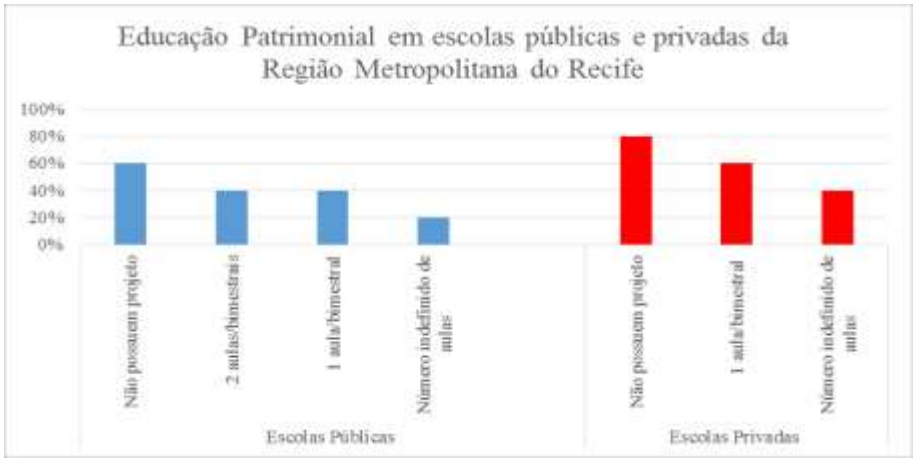

Figura 1. Quadro comparativo da Educação Patrimonial realizada por escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife.

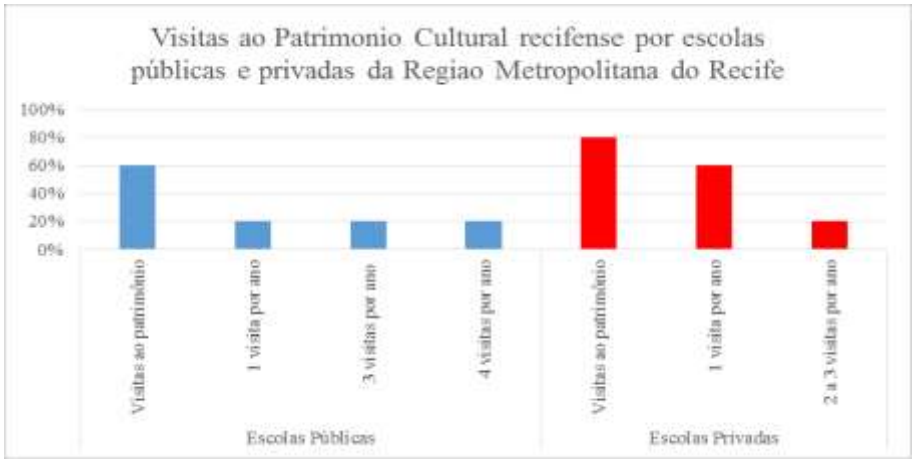

Figura 2. Quadro comparativo das visitações ao Patrimônio Histórico recifense por escolas públicas e privadas da Regiao Metropolitana do Recife.

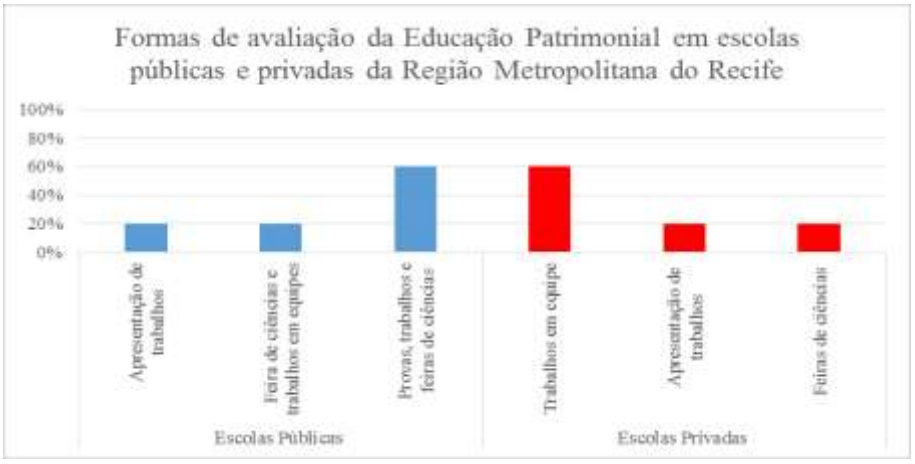

Figura 3. Quadro comparativo das formas de avaliação da educação patrimonial adotadas por escolas públicas e privadas da Região Metropolitana do Recife.

3.4. Resultados da análise dos livros didáticos

A análise dos livros didáticos mostrou que tanto escolas públicas quanto privadas, adotam livros publicados em outros estados brasileiros, em especial por estados do centro-oeste. Em 60% deles existem conteúdos semelhantes quanto a conceituação de patrimônio e sua classificação em Patrimônio Histórico, Material, Imaterial, Patrimônio Pessoal, Patrimônio dos Povos e Patrimônio Ambiental, bem como quanto a importância da sua preservação. Em 40 % dos livros analisados, o tema Patrimônio Cultural, não foi abordado. No que diz respeito a citação de exemplos de patrimônios recifenses na classificação patrimonial apresentada nos livros, verificou-se que 100% dos livros adotados por escolas da Região Metropolitana do Recife, citam como exemplos os patrimônios materiais das cidades onde foram publicados, ficando, assim, o patrimônio material recifense deixado de lado. Em 10 % dos livros analisados verificou-se referências aos bonecos de Olinda, e ao Bumba-meu-boi do Maranhão como sendo exemplos de Patrimônios Imateriais.

Constatou-se, portanto, o que disse Nikituik (2007, p.199-208, apud FERREIRA, 2013, P. 9) quanto ao enfoque regional/local para a educação patrimonial ser encarado como um desafio na busca da superação das práticas tradicionais. Segundo o ele, “Privilegiar o local não significa opor-se ao nacional, e sim abordá-lo por outros prismas” (NIKITUIK, 2007).

3.5. Resultados da participação dos minicursos

Durante o Minicurso de Arqueologia para Crianças, foi possível observar o interesse e a dedicação de cada criança após a visita ao Museu bem como as aulas ministradas durante a semana (Fig. 02). Conforme diz a literatura consultada, onde, partindo do princípio que patrimônio cultural é parte integrante de toda e qualquer sociedade, e que se deve utilizar destes como instrumento educacional, observamos que os ensinamentos dentro de museus, quando realizados de forma lúdica, promove uma apropriação muito maior de conhecimento.

Através da aula de pré-história, a curiosidade de saber como os homens pré-históricos viviam e o que comiam, quem eram esses indivíduos, eles se mostraram bastante surpresos após descobrir o tipo de alimentação daquele povo (onívora: roedores, moluscos, caramujo, frutos) e que utilizavam a furna do estrago (abrigo sob rocha) como cemitério. Na aula de escavação, eles puderam aprender o passo a passo de uma escavação arqueológica vivenciando a prática utilizando os materiais necessários, momento de grande interesse por parte das crianças.

Na aula de cerâmica, o conteúdo trazia conhecimento a respeito da origem da palavra, a forma de fazer e os vários tipos e características delas, variando de acordo com as civilizações fabricantes. Neste momento as crianças puderam recordar da cerâmica tupi-guarani existente no Museu onde tiveram a oportunidade de restaurar e produzir a própria cerâmica.

Na aula de registros rupestres as crianças puderam conhecer, tanto pinturas quanto gravuras, e suas variações: figuras de antropomorfos, zoomorfos, fitomorfos, grafismo puro e grafismo de ação. Também fez parte do conteúdo materiais e instrumentos utilizados para fazer a pintura e a gravura posteriormente participaram de uma oficina onde simularam uma pintura rupestre. As aulas a respeito dos Patrimônios Históricos e Culturais do Recife, a exemplo do próprio prédio do Museu de Arqueologia da UNICAP, onde encontra-se o IPHAN, no prédio do Palácio da Soledade abriu a discussão sobre patrimônios e a necessidade de sua preservação (Fig. 01). Após todas as oficinas, jogos de perguntas, tabuleiros do conhecimento, nos evidenciou que a aprendizagem acerca do assunto foi tremenda, comprovando o que diz MORI; CURVELO, (2016), entender que os museus também possuem a responsabilidade educacional, enquanto instituições educacionais, responsáveis a eles aprendizagens que não são possíveis durante a vida escolar, nos mostra que não atuam de modo complementar à educação, mas sim de forma fundamental na utilização do lúdico como ferramenta de educação.



Fig. 01. Aulas ministradas no minicurso Arqueologia para crianças sobre “Educação Patrimonial”



Fig. 02. Visitação ao Museu de Arqueologia da UNICAP acerca de “Patrimônio Arqueológico”

4. REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna Renata; SCHNEEBERGER, Carlos. **Novo panorama da história 6º:** Da origem do Homem a queda do império romano. 2. ed. São Paulo: Ibep, 2010.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História - Sociedade & Cidadania:** 6º ano. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.

BRAICK, Pratícia Ramos. **Estudar história:** Das origens do homem à era digital. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

COSTA, Maria do Carmo de Caldas Dias. **A história do Recife contada pelos seus patrimônios.** Recife: Gráfica e Copiadora Nacional, 2014.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Livro Historiar:** 6. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERREIRA, Danielle da Silva. Livro Didático e Patrimônio Histórico: Possibilidades de análise nos livros didáticos regionais. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371337340_ARQUIVO_1.Artigo_Anpuh__1_versao_31_03_Danielle_S_Ferreira.pdf.

FIAMONCINI, Celina et al. **História:** 6º ano. Curitiba: Positivo, 2011.

FUKUSHIGUE, Charles Hokiti; MINORELLI, Caroline Torres. **Convergências:** história 6º ano: anos finais do ensino fundamental. São Paulo: Edições Sm, 2016.

GAZZÓLA, Lucivani; TREVISOL, Joviles Vitório. Os docentes e a educação patrimonial na escola: elementos para a formulação de uma política pública. **Cadernos do Ceom: Políticas públicas: memórias e experiências,** Santa Catarina, v. 22, n. 30, p.412-430, 2009.

GUERREIRO, Thales Adriano. **Tempo de história:** 6. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 17, p. 55-66, 2008.

MARQUES, Luciana Pacheco; MARQUES, Carlos Alberto. **DIALOGANDO COM PAULO FREIRE E VYGOTSKY SOBRE EDUCAÇÃO.** 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/dialogando-com-paulo-freire-e-vygotsky-sobre-educacao>. Acesso em: 02 out. 2017.

MELO, Alessandro de. **"Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial"**, Programa de Pós-graduação em Educação, Artigo - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, PR., Brasil, 2014.

MOCELLIN, Renato; CAMARGO, Rosiane de. **Projeto Apoema história 6.** São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

MORI, Rafael Cava; CURVELO, Antônio Aprígio da Silva. O pensamento de Dermeval Saviani e a educação em museus de ciências. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 42, n. 2, p. 491-506, jun. 2016.

NIKITUIK, Sonia Maria Leite; OLIVEIRA, Margarida Maria de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista. Por que Livros Regionais de História? Livro Didático de História: Escolhas e Utilizações. Natal: **EDUFRN**, 2009.

ORIÁ, Ricardo. **Educação patrimonial: conhecer para preservar.** Disponível em http://www.educacional.com.br/articulistas/articulista0003.asp. Acesso em 31 de agosto de 2017.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto**, O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RIBEIRO, Vanise Maria; ANASTASIA, Carla Maria Junho. **Piatã:** História 6º ano. Curitiba: Positivo, 2015.

ROCHA, Guido. **Cartilha do patrimônio histórico e artístico de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008. (Educação contemporânea).

SOARES (2003, p. 46, apud TEIXEIRA, 2008, p. 200, C. A. R). "A Educação Patrimonial no Ensino de História" **Biblos**, Rio Grande, 22 (1): 199-211, 2008.

SOUZA, Mariana Jantsch, **"**A MEMÓRIA COMO MATÉRIA PRIMA PARA UMA IDENTIDADE: APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DAS NOÇÕES DE MEMÓRIA E IDENTIDADE", **Revista Graphos**, vol. 16, n° 1, 2014 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536 1.

TEIXEIRA, C. A. R., "A Educação Patrimonial no Ensino de História" **Biblos**, Rio Grande, 22 (1): p. 199-211, 2008.

VAZ, Maria Luisa, PANAZZO, Silvia. **Jornadas.hist:** Hist`oria, 6º ano: ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.